

Relações Entre Apego do Pai, Envolvimento Paterno e Abertura ao Mundo

Father Attachment, Parental Involvement and Openness to the World

Relaciones Entre Apego del Padre, Participación Paterno y Apertura al Mundo

*Mariana Schubert Backes(1); Simone Dill Azeredo Bolze(2); Mauro Luís Vieira(3);
Maria Aparecida Crepaldi(4)*

1 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC, Brasil.

E-mail: mari_backes@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7962-1800>

2 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC, Brasil.

E-mail: simoneazeredo@yahoo.com.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8715-8913>

3 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC, Brasil.

E-mail: maurolvieira@gmail.com | ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0541-4133>

4 Bolsista de Produtividade 1B do CNPq. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC, Brasil.

E-mail: maria.crepaldi@gmail.com | ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5892-7330>

Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, vol. 13, n. 2, p. 1-19, julho-dezembro, 2021 - ISSN 2175-5027

[Submetido: junho 2, 2020; Revisão1: junho 8, 2020 Revisão2: setembro 23, 2020; Aceito: outubro 13, 2020;

Publicado: dezembro 23, 2021]

DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2021.v13i2.4133>

Endereço correspondente / Correspondence address

Mariana Schubert Backes

Rua Vitor Konder, número 54, apto: 303. Bairro: centro -
Florianópolis SC, Brasil. CEP: 88015-400

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*

Editor: Ludgleydson Fernandes de Araújo

Como citar este artigo / To cite this article: [clique aqui!/click here!](#)

Resumo

Este estudo investigou a relação entre o apego do pai, o envolvimento paterno e a abertura ao mundo, na perspectiva do pai de crianças. Participaram do estudo 171 pais de crianças entre 4 e 6 anos de idade. Os instrumentos utilizados foram: Escala de Apego Adulto (EAA), Questionário de Engajamento Paterno (QEP), Questionário de Abertura ao Mundo (QOM). A análise dos dados mostrou que os pais com apego seguro se envolvem de forma predominante em atividades de estímulo ao risco e se dedicam nos cuidados básicos com a criança, do que os pais com apego inseguro, e essa diferença mostrou-se estatisticamente significativa. Evidenciou-se que os pais que desenvolveram um apego seguro sentem-se mais confiantes para incentivar seus filhos a explorarem o ambiente e desenvolverem atividades desafiadoras, lhes dando segurança e promovendo sua autonomia e, também, se consideram preparados para cuidar da criança, alimentando-a, dando banho, levando-a à escola, entre outras atividades.

Palavras-chave: paternidade, relações pai-criança, desenvolvimento infantil

Abstract

This study at investigating the relationship between father's emotional attachment, parental involvement and openness to the world, in the perspective of the father of children. The participants were 171 parents of children between 4 and 6 years of age. The research instruments of the study were: a Sociodemographic Questionnaire, the Paternal Involvement Questionnaire (QEP), the World-Wide Openness Questionnaire (QOM) and the Adult Attachment Scale (AAS). The data analysis showed that parents with secure attachment are more predominantly involved in risk-stimulation activities and in basic care with the child, when compared with parents who have an insecure attachment, that difference was statistically significant. That is, it can be thought that parents who developed a secure attachment feel more confident to encourage their children to explore the environment and develop challenging activities, giving them security and promoting autonomy, while also being considered ready to take care of the child, feeding her, bathing her, taking her to school, among other activities.

Keywords: paternity, parents-children relationships, child development

Resumen

Este estudio investigo la relación entre el apego del padre, el involucramiento paterno y la apertura al mundo, en la perspectiva del padre de niños. Participaron del estudio 171 padres de niños entre 4 y 6 años de edad. Los instrumentos utilizados fueron: Cuestionario sociodemográfico, Cuestionario de Involucramiento Paterno (CIP), Cuestionario de Apertura al Mundo (CAM) y la Escala de Apego Adulto (EAA). El análisis de datos mostró que los padres con apego seguro se involucran de forma más predominante en actividades de estímulo al riesgo y dedicarse en los cuidados básicos con el niño, cuando comparados con los padres que presentan un apego inseguro, dicha diferencia se mostró estadísticamente significativa. Se evidenció que los padres que desarrollaron un apego seguro se sienten más confiados para incentivar a sus hijos a explorar el ambiente y desarrollar actividades desafiadoras, dándoles seguridad y promoviendo autonomía, al paso que también se consideran preparados para cuidar del niño, alimentándola, dándole baño, llevándola a la escuela, entre otras actividades.

Descriptores: paternidad, relaciones hijo-padre, desarrollo infantil

Introdução

As relações familiares são fundamentais para o desenvolvimento da criança, pois as primeiras experiências que ela tem no início de sua vida têm impacto, ao longo de seu ciclo vital. Nessa perspectiva, o relacionamento pai-filho adquire grande relevância, pois o pai, quando envolvido com seu filho, promove benefícios para o seu desenvolvimento, no que diz respeito ao bem-estar socioemocional, habilidades sociais, de desempenho acadêmico, e, também, redução de problemas de comportamento (Bueno, Gomes, & Crepaldi, 2015).

Os padrões de envolvimento do pai e a qualidade das relações pai-filho tendem a ser transmitidos através das gerações. Para possibilitar um envolvimento ativo e positivo do pai e seus benefícios para a criança, as intervenções parentais devem se concentrar na promoção de comportamentos paternos positivos para promover relacionamentos adequados com as crianças em suas próprias gerações e nas gerações futuras (Jessee & Adamsons, 2019).

Considerando a família um sistema ativo em constante transformação e constituída por subsistemas que interagem entre si e se influenciam mutuamente (Minuchin, 1982), este estudo destacou o subsistema parental, especialmente a relação pai-filho, abordando as possíveis relações entre apego do pai, envolvimento paterno e abertura ao mundo em pais de crianças entre 4 e 6 anos.

Bowlby (1982) desenvolveu a Teoria do Apego, definindo o apego como o laço de segurança e proteção contribuindo com o desenvolvimento do ser humano, uma vez que precisa dos cuidados de alguém (como a mãe e o pai) para seu crescimento. Ele necessita desse suporte e aproximação dos adultos para explorar o mundo, sem o qual ficaria exposto a diversos riscos. Os comportamentos de apego são, portanto, complementares aos comportamentos exploratórios, pois possibilitam à criança conhecer o mundo em condições mais seguras (Paquette & Dumont, 2013a, 2013b).

O apego inicial que a criança cria com esse primeiro cuidador formará a base sobre a qual todos os demais vínculos irão se desenvolver. Portanto, quanto mais seguros e estáveis forem esses laços, mais fortes serão o bem-estar e a saúde emocional dos indivíduos, ao longo da vida (Bueno, Vieira, Crepaldi, & Faraco, 2017). Além da qualidade desse apego inicial, fatores contextuais também influenciam na formação dos vínculos afetivos e não apenas as características dos sujeitos envolvidos na relação. Nesse sentido, a dinâmica do apego está sujeita à ação de fatores de natureza individual, relacional e contextual (Love, Nalbone, Hecker, Sweeney, & Dharnidharka, 2018; Stanton, Pink, & Campbell, 2017; Pontes, Silva, Garotti, & Magalhães, 2007).

O envolvimento paterno leva em consideração a presença, o engajamento e a preocupação contínua do pai, biológico ou substituto, no desenvolvimento e bem-estar físico e psicológico de seu filho (Paquette, Dubeau, & Gagnon, 2009). Pode-se

afirmar que o envolvimento paterno é influenciado por três diferentes domínios: as características pessoais do pai, do contexto familiar e do ambiente social (Turcotte & Gaudet, 2009). Pesquisas indicam que os homens que tiveram uma boa relação e imagem otimista de seus pais na infância estão mais propensos a participar ativamente no cuidado e na relação emocional com a criança (Jessee & Adamsons, 2019; Bueno et al., 2015; Jablonski, 2010).

Historicamente, a Teoria do Apego estuda, principalmente, o papel da figura materna (Paquette & Dumont, 2013a). Recentemente, desenvolveram uma nova teoria sobre o envolvimento pai-filho, denominada de “Teoria da Relação de Ativação” (Dumont & Paquette, 2013a). Essa teoria está relacionada ao apego pai-criança, a qual se fundamenta na figura ativa do pai, que incentiva seu(sua) filho(a) na exploração do mundo externo e possibilita à criança *abertura ao mundo* (Paquette, 2014). Esse conceito refere-se às atitudes e aos comportamentos que o pai assume, incentivando a criança a sentir-se mais autônoma para explorar o ambiente, e que promovem o seu autocontrole.

Estudos nacionais que tratem das interações pai-filho(a) e das implicações do papel paterno no desenvolvimento da criança, de forma sistemática, são escassos (Vieira et al., 2017). Boa parte das publicações científicas brasileiras refere-se à díade pai e mãe, ou apenas à mãe, mesmo quando o foco de investigação é o comportamento paterno. No cenário internacional, verifica-se o mesmo quadro, com poucos estudos no foco da presente pesquisa, entretanto, exploram temas como: qualidade do vínculo e repercussões no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, pesquisas fora da faixa etária do escopo deste estudo, a paternidade diante das desigualdades de gênero e masculinidade, entre outros (Nancuante, Barea, Adonis, Bratz, & Ramirez, 2020; Opondo, Redshaw, & Quingley, 2017; Sethna et al., 2017). Diante do exposto, a presente investigação apresenta relevância social e científica, uma vez que procura elucidar os aspectos da relação entre pai e criança, buscando promover o desenvolvimento da saúde psicossocial da família, fomentando a reflexão a respeito do assunto e tecendo importantes subsídios para a prática dos profissionais que trabalham com famílias. Este estudo objetivou investigar as relações entre o apego do pai, o envolvimento paterno e a abertura ao mundo, na perspectiva do pai de crianças entre 4 e 6 anos, e comparar tais características entre pais com perfil de apego seguro e inseguro.

Método

Participantes

Participaram da pesquisa 171 homens, com idade entre 19 e 59 anos, pais de crianças entre 4 e 6 anos de idade. Os pais foram acessados por meio de listagem liberada pela coordenação da instituição de ensino e convidados por meio de carta

e contato telefônico. As instituições de ensino infantil selecionadas já haviam participado de outros projetos de pesquisa e situavam-se no Sul do Brasil. Com relação à escolaridade, os pais apresentaram média de 15,33 (DP = 5.85) anos concluídos, e a maioria, 54 (31,6%), tinha Ensino Superior completo com Pós-Graduação e também havia pais apenas com Ensino Superior Completo, 41(24%). Os critérios de inclusão foram: pais maiores de 18 anos e que tivessem morado ou convivido com a criança por pelo menos um ano. Os pais (pai e mãe), biológicos ou não, deveriam estar vivendo juntos por, pelo menos, seis meses. Foi incluído na amostra apenas o pai que, quando do nascimento da criança focal (refere-se sobre qual dos filhos o pai respondeu o questionário), já havia completado 18 anos. A idade da criança foi escolhida considerando que é nesta faixa etária que as crianças demonstram maior abertura para estabelecerem outras relações sociais (Paquette, 2012).

Instrumentos

(1) Questionário de Envolvimento Paterno (QEP): A escala possui 26 itens referentes às seguintes dimensões: *suporte emocional* (gestos e palavras que tranquilizam e encorajam a criança); e *cuidados básicos diretos e indiretos* (fornecer cuidados essenciais à sobrevivência, como alimentar, vestir e dar banho e cuidar das atividades relacionadas à casa, ou seja, fazer compras, preparar as refeições e se ocupar da limpeza e dos consertos necessários). Os alfas de Cronbach da amostra validada variaram entre 0,72 e 0,86. Para avaliar com que frequência o pai realizava determinadas atividades com seus filhos, utilizaram-se duas escalas. Para os itens de 1 a 24, usou-se uma escala absoluta com opções de resposta que vão de “nunca” a “todos os dias”. Para as atividades mais ocasionais ou dificilmente quantificáveis abarcadas entre os itens 25 a 56, a escala relativa foi privilegiada, com opções de resposta que variam de “nunca” a “sempre”.

(2) O Questionário de Abertura ao Mundo (QOM) foi validado no Canadá com uma amostra de 266 pais de crianças pré-escolares com idades entre 2 e 5 anos (Paquette et al., 2009). Refere-se à abertura ao mundo proporcionada pelo pai ao seu filho, durante a infância. Constitui-se em uma escala de frequência de atividades que o pai realiza com crianças pré-escolares que tem as opções “nunca”, “raramente”, “às vezes”, “frequentemente”, “muito frequentemente” e “não é possível avaliar”. Contém 27 itens distribuídos em três dimensões: *Estímulo à perseverança* (encorajar a criança a superar seus limites), *Estímulo a correr riscos* (motivar a explorar o ambiente) e *Punição* (chamar a atenção da criança quando ela desobedece). Os valores de alfa de Cronbach e do ômega obtidos para cada dimensão da abertura ao mundo foram, respectivamente, 0,74 e 0,74 para Perseverança, 0,74 e 0,73 para Estímulo ao Risco e 0,69 e 0,74 para Punição.

(3) A Escala de Apego Adulto (EAA), também conhecida como EER (Escala de Estilo de Relacionamento), é uma tradução da *Collins and Read Adult Scale* (Collins &

Read, 1990), que classifica três estilos de apego adulto, denominados de *Proximidade* (grau de conforto com a proximidade e intimidade), *Confiança* (grau de confiança na disponibilidade dos outros) e *Ansiedade* (grau de ansiedade e medo de ser abandonado ou de não ser amado). A escala é composta de 18 itens, cuja resposta é dada de acordo com a graduação de 1 (“não tem nada a ver comigo”) a 5 (“tem tudo a ver comigo”). Os itens procuram avaliar o tipo de vinculação que a pessoa costuma sentir em cada uma das afirmações que lhe são apresentadas. A consistência interna revelou coeficiente alfa de 0,84.

Procedimentos de Coleta e Análise de Dados

Após agendamento com os pais, a coleta ocorreu no ambiente escolar, na residência ou no seu local de trabalho, em salas adequadas, sem intercorrências. Os instrumentos foram aplicados pelos pesquisadores na seguinte ordem: Questionário de Envolvimento Paterno (QEP), Questionário de Abertura ao Mundo (QOM) e Escala de Apego Adulto (EAA). O tempo médio de coleta durou em torno de 60 min.

Os resultados obtidos foram tabulados e submetidos a análises formais por meio do Programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) – versão 18.0. A análise de dados envolveu estatística descritiva e inferencial: correlação de Pearson, análise de *cluster* e teste *t*. Os dados receberam tratamento estatístico paramétrico por obedecerem à distribuição normal, identificada com o teste estatístico de Kolmogorov-Smirnov.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sob o Parecer Consubstanciado nº ~~XXXXXXXXXX~~. Os participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de acordo com Resolução 466/2012. Foram seguidos todos cuidados éticos na coleta dos dados e não houve intercorrências.

Resultados

Caracterização do Envolvimento Paterno

A média geral de envolvimento paterno foi 4.32 (DP = ± .43), considerando uma escala Likert de cinco pontos, a qual apresenta a frequência em que os pais realizam determinadas tarefas com seus filhos, sendo 1 *nunca* e 5 *todos os dias* ou *sempre*. Pôde-se observar média maior na dimensão *Suporte Emocional* (M = 5.10 DP = ± .69). Obteve-se, também, média alta na dimensão *Cuidados Básicos* (M = 4.17 DP = ± .87). Tais resultados apontam para um maior envolvimento do pai em relação à criança no que diz respeito ao suporte emocional, que está relacionado a cuidar do filho quando ele está doente ou ao brincar na rua, tranquilizá-lo quando tem medo, consolá-lo, elogiá-lo, dizer que o ama, além de garantir que a casa seja segura para ele. O pai também refere

realizar cuidados básicos com o filho, como cuidar de sua alimentação, banho, entre outros. O QEP demonstrou evidências de validade satisfatória (Bossardi et al., 2018).

Caracterização da Abertura ao Mundo

A abertura ao mundo foi avaliada através do instrumento QOM e possui três dimensões (*Estímulo à Perseverança*, *Punição* e *Estímulo a Correr Riscos*). A média geral foi $M = 3.95$ ($DP = \pm .59$), e a média mais alta é a da dimensão *Estímulo à Perseverança*, $M = 4.95$ ($DP = \pm .68$); em segundo lugar, a dimensão *Estímulo a Correr Riscos*, $M = 3.76$ ($DP = \pm 1.10$); e, por último, a *Punição*, $M = 2.79$ ($DP = \pm .84$). Esses valores demonstram que os pais, de modo geral, incentivavam seus filhos a persistirem, a não desistirem das atividades e também os motivavam a correr riscos, desafiavam o filho a fazer atividades que possuíssem certo grau de dificuldade, garantindo-lhe a segurança adequada. Em último lugar, a punição pode estar indicando que o pai tinha punido menos o filho, dando menos castigos ou chamando menos a sua atenção, nas devidas situações.

Relações entre o Envolvimento Paterno e Abertura ao Mundo

As correlações de Pearson evidenciaram que, quanto mais o pai estimula a criança a ser perseverante, maior é o suporte emocional que ele fornece ($r = .41$, $p < .01$) a ela e mais envolvido ele é com a criança ($r = .57$, $p < .01$). Quanto mais punição o pai impõe ao filho, menos ele realiza suporte emocional ($r = -.20$, $p < .01$) e menos ele se envolve com atividades de cuidados básicos, tais como alimentação, banho e tarefas de casa ($r = -.16$, $p < .05$). Quanto mais o pai consegue incentivar o filho a correr riscos (praticar atividades físicas ou de aprendizagem que envolvam algum grau de dificuldade), mais envolvido ele é com a criança ($r = .47$, $p < .01$).

Caracterização do Apego do Pai

A análise de *cluster* deu origem a dois grupos de pais: os de perfil de apego seguro (1) e os de perfil de apego inseguro (2). Pôde-se constatar, por meio das médias de escore z , que os pais com apego seguro ($n = 78$) tiveram médias mais altas na subescala de proximidade ($z = .504$) e confiança ($z = .798$) e média mais baixa em ansiedade ($z = -.019$). Isso indica que pais com apego seguro revelam uma tendência a se sentirem confortáveis em estabelecer relações próximas e mais íntimas com outras pessoas, ao mesmo tempo em que demonstram, também, uma facilidade maior para confiar nos outros e não sentem medo de serem abandonados pelas pessoas com quem se relacionam.

Já os pais com apego inseguro ($n = 93$) apresentaram médias relativamente mais baixas em proximidade ($z = -.423$) e confiança ($z = -.670$) e níveis mais altos em ansiedade ($z = .016$). Isso aponta que os pais com apego inseguro não se sentem muito

confortáveis se relacionando de forma mais íntima ou com maior grau de proximidade e possuem maior dificuldade em confiar nos outros, ao mesmo tempo em que temem ser abandonados pelas pessoas com quem se relacionam.

Relações entre Apego do Pai, Envolvimento Paterno e Abertura ao Mundo

Foi realizado o teste *t* para relacionar os perfis de apego com cada uma das dimensões do envolvimento paterno e da abertura ao mundo. Da amostra de 171 pais, verificou-se que 93 pais pertenciam ao perfil de apego inseguro e 78 pais enquadraram-se no perfil de apego seguro. A Tabela 1 mostra a relação entre os perfis de apego e as dimensões da abertura ao mundo (QOM) e envolvimento paterno (QEP) e, também, as relações estatisticamente significativas.

Tabela 1. Dimensões do QEP e do QOM, Perfis de Apego e Teste *t*

Dimensões dos instrumentos	Perfis de Apego	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão da Média	Teste t	Valor p corrigido
QOM							
QOM Perseverança	1	78	4.99	.67	.07631	t(169) = .706; p > .05 p = .47	.57
	2	93	4.92	.69	.07193		
QOM Punição	1	78	4.92	.67	.07631	t(169) = -3.089, p < .05 p = .02	.01
	2	93	4.99	.69	.07193		
QOM Risco	1	78	3.96	1.01	.11462	t(169) = 2.325; p < .05	.03
	2	93	3.58	1.15	.11964		
QEP							
QEP Cuidados Básicos	1	77	4.34	.67	.07707	t(146) = 2.031; p < .05 p = .018	.03
	2	84	4.02	1.00	.10970		
QEP Suporte Emocional	1	78	5.07	.59	.06783	t(168) = -1.080; p > .05 p = .57	.57
	2	92	5.13	.76	.08025		

Nota. N = número de participantes. Perfis de Apego: 1 = grupo de pais com apego adulto seguro; 2 = grupo de pais com apego adulto inseguro.

O resultado do teste *t* para amostras pareadas revelou que houve diferença estatisticamente significativa para as dimensões do QOM em Punição [t(169) = -3.089, p < .05], Estímulo ao Risco (t(169) = 2.325, p < .05)], e do QEP para a dimensão Cuidados

Básicos [$t(146) = 2.031, p < .05$]. Dessa forma, pode-se constatar que os pais com perfil de apego seguro tendiam a estimular mais seus filhos a correr riscos e a se envolver mais nos cuidados da criança do que pais com perfil de apego inseguro. Por outro lado, pais com perfil de apego inseguro relataram exercer significativamente mais punição do que os pais do perfil de apego seguro. Além disso, também forneciam mais suporte emocional à criança, porém, esta diferença não foi estatisticamente significativa.

Discussão

A média geral de envolvimento paterno, como constatado, foi considerada alta. Tendo em vista as duas dimensões do envolvimento paterno, a média para suporte emocional, seguida de cuidados básicos, foi mais elevada, o que evidencia maior participação do pai na criação dos filhos e na vida familiar. Esse processo se revela quando o pai se torna mais presente afetivamente na vida da criança, ao mesmo tempo em que realiza atividades de cuidados como responsabilizar-se por sua alimentação, banho, compartilhando essas ações com sua parceira (Backes, 2018; Bossardi, 2015; Bueno et al., 2015; Gomes, 2015). Esse compartilhamento de tarefas parece estar associado ao cenário atual, no qual as mulheres são mais independentes e trabalham fora, entretanto, também(,) pode estar ligado ao fato de que o pai vai desenvolver novas práticas, diferentes daquelas que vivenciou durante sua infância (Prado & Abrão, 2014).

Esses resultados estão de acordo com outros estudos (Backes, Becker, Vieira, & Crepaldi, 2018; Vieira et al., 2014; Perucchi & Beirão, 2007). Especificamente no caso desse último, verificou-se, por meio de entrevista com 20 pais (somente o pai), que estes estavam se responsabilizando mais pelos cuidados dos filhos, bem como apontou fatores importantes que interferem no envolvimento paterno, tais como aqueles ligados à mãe, os relacionados ao próprio pai, aspectos atinentes à criança, rede social de apoio, modelo do próprio pai e o que fazia de diferente do próprio pai. Desse modo, a paternidade vem passando por transformações, se desvinculando de um modelo mais tradicional, em que as funções paternas compreendiam prover o lar, disciplinar a criança e brincar com ela (Vieira et al., 2017; Bueno et al., 2015; Vieira et al., 2014), para um estilo emergente de paternidade no qual o pai oferece suporte emocional e cuida da criança, exercendo a paternidade.

O conjunto de comportamentos do pai que impulsiona a criança a explorar o ambiente, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e autocontrole de seu filho e gerando segurança e proteção, é compreendido como a abertura ao mundo (Paquette, 2014). Neste estudo, os resultados da aplicação do instrumento QOM revelaram média relativamente alta para a abertura ao mundo e, em relação às dimensões, as médias mais altas foram, respectivamente, para *Estímulo à Perseverança* e *Estímulo a Correr Riscos*, e a média mais baixa foi para a *Punição*. Essas evidências

demonstraram que os pais, de modo geral, encorajavam seus filhos a se manterem perseverantes, a não desistirem das atividades e a enfrentarem riscos, desafiando o filho a experimentar atividades com certo grau de dificuldade, proporcionando-lhe a segurança adequada. A dimensão punição aparece com média mais baixa, sinalizando que o pai tinha punido menos o filho, dado menos castigo ou chamado menos a sua atenção nas devidas interações.

Paquette (2012), autor da Teoria da Relação de Ativação e proponente do conceito de *abertura ao mundo*, comprova que o incentivo dado pelo pai para a criança persistir diante de obstáculos e de assumir riscos são atitudes paternas que auxiliam seus filhos a realizarem escolhas, terem autonomia, conhecerem o ambiente, aguçarem a curiosidade e promoverem autoconfiança e proatividade por meio também de brincadeiras e jogos (Paquette & Dumont, 2013a). Estudo realizado na Áustria e a Alemanha, com 400 crianças e seus familiares, mostrou que a qualidade do envolvimento paterno nas brincadeiras e jogos que o pai realiza com a criança tende a se intensificar e aperfeiçoar com o aumento da idade da criança (Anhert et al., 2017). Outra investigação, desenvolvida na Austrália, ressalta que o efeito das brincadeiras físicas entre pai-filho no desenvolvimento das crianças será mais bem aproveitado quando se identificar claramente a natureza dos jogos, brincadeiras, ambientes e medidas que incluem a frequência e qualidade das interações do jogo. Esse aspecto é promissor como um facilitador das relações pai-filho e dinamizador para o desenvolvimento infantil (StGeorge & Freeman, 2017).

Portanto, quando o pai insiste para que seu filho não desista de determinada atividade, independente do grau de dificuldade que encontre, ele atua como uma figura que transmite segurança para que a criança consiga experimentar novas vivências e aprendizados.

A terceira dimensão, a punição, foi relacionada com a repreensão, imposição de castigos, ou seja, num contexto de práticas coercitivas e negativas de educar. Há também argumento em favor da disciplina positiva, valendo-se do diálogo e do amor, o que, por sua vez, exige tempo e paciência por parte dos pais (Fletcher, 2012). Assim, num processo de reflexão acerca do modo como foram educados, em especial, se a experiência da infância envolveu atos punitivos, torna-se importante uma quebra com o ciclo de violência, com adoção da disciplina positiva (Sena & Mortensen, 2014). Cabe ressaltar que as estratégias coercitivas estão associadas a dificuldades no desenvolvimento da autorregulação e a uma série de outros efeitos negativos no desenvolvimento da criança (Lopes, Górn, Mattar, & Williams, 2018; Rebellon & Straus, 2017).

Ademais, ao se relacionar o envolvimento paterno e a abertura ao mundo, constata-se que, quando o pai estimula a perseverança com sua criança, mas ele a encoraja ao risco e, simultaneamente, a apoia, se mostrando envolvido, de modo geral,

com ela. Por outro lado, quando o pai utiliza de punição, menos suporte emocional ele oferece e menos cuidados básicos ele realiza com ela. Dessa forma, os baixos índices evidenciados pelos participantes nessa dimensão podem indicar que os pais aplicavam pouca punição. Entretanto, é importante destacar que esses dados não permitem afirmar quais estratégias os pais utilizavam para disciplinar as crianças. Essa evidência corrobora estudos os quais obtiveram baixos escores em relação à dimensão punição (Backes, 2015; Schmitz, 2018).

Quanto mais rica é a ligação afetiva entre a criança e seu pai, mais a abertura ao mundo é potencializada (Backes et al, 2020, Paquette, 2014). Dessa forma, é esperado que o vínculo entre pai e filho(a) promova a segurança necessária para que a criança cresça em um ambiente de confiança, em que ela se sinta protegida diante dos possíveis perigos. Portanto, uma relação de ativação de boa qualidade pressupõe que a criança aprenda a ter confiança em suas próprias capacidades de vencer os riscos e os acontecimentos imprevisíveis em seu ambiente físico e social, visto que seu pai possibilitou um contexto seguro para ela avançar em suas descobertas (Bossi, Brites, & Piccinini 2017; Paquette, 2014).

A determinação de limites é essencial e saudável, pois é através deles que os pais promovem a proteção e segurança de seus filhos. Por meio da ligação afetiva, eles passam a confiar no pai, aceitando os limites que lhes são impostos e se tornando respeitosos a ele, pois vão adquirindo a consciência de que a orientação dada por seus pais é para seu benefício (Paquette & Dumont, 2013b). Desta forma, o suporte emocional é vital para o estabelecimento de segurança e confiança e a consequente disciplina da criança.

O estudo ainda buscou compreender como o tipo de apego adulto que o pai possui pode ou não influenciar no seu engajamento com seu filho e na forma como ele ativa ou abre a criança ao mundo, potencializando a exploração do ambiente e vivência de novas relações.

Foi realizada uma análise de *cluster*, evidenciando que, na amostra, 78 pais possuíam o perfil indicativo de apego seguro e 93 pais, indícios do perfil de apego inseguro. Portanto, a maioria dos participantes da pesquisa indicava ter constituído, desde sua infância, até as relações atuais, padrões de comportamentos característicos de um perfil inseguro. Um elemento presente na pesquisa sobre o apego é que a segurança é transmitida de uma geração para outra (Jessee & Adamsons, 2019; Bowlby, 1982). Esta afirmação foi corroborada por estudos empíricos obtidos em uma variedade de amostras, diferindo em relação ao *status* socioeconômico (Jeong, McCoy, Yousafzai, Salhi, Fink, 2016; Tarabulsy et al., 2005), idade da mãe (Ward & Carlson, 1995) e seus antecedentes culturais (Grossmann & Grossmann, 2009).

Nesse sentido, a presença de condições de vida estáveis oportuniza que a correspondência entre o apego dos pais e dos filhos possa aumentar no período em que as crianças vão se desenvolvendo (Verhage et al., 2016). No entanto, também é

possível que tal continuidade se perca ao longo do tempo, tendo em vista o impacto de muitos eventos da vida, o que pode provocar mudanças na organização do apego dos pais e nos comportamentos de cuidados, bem como no apego das crianças (Cassibba, Coppola, Sette, Curci, & Constantini, 2017).

Ao analisar as médias gerais dos dois grupos de pais, identificou-se que os pais com apego seguro, pertencentes ao perfil 1, possuíam médias mais altas do que os pais inseguros (perfil 2) para as dimensões Estímulo à Perseverança, Estímulo a Correr Riscos e Cuidados Básicos, e apenas a dimensão Estímulo à Perseverança não se mostrou estatisticamente significativa. As médias mais altas para os pais com apego inseguro (*Cluster 2*) foram, respectivamente, em Punição e Suporte Emocional, e só a primeira revelou diferença estatisticamente significativa.

De acordo com esses resultados, observa-se uma tendência de o pai com tipo de apego seguro envolver-se com o filho no sentido de incentivá-lo a vivenciar novas experiências com o meio externo e com outras pessoas através do estímulo ao risco e estímulo à perseverança, assim como de ser sentir apto para realizar atividades de cuidado básico com a criança, como alimentar, dar banho, levar ao médico, entre outras. Estudo realizado em Austin (Texas, USA) apontou que um número crescente de estudos começara a explorar a conexão entre apego do pai e práticas alimentares. A pesquisa mostrou que aqueles pais com representações de apego seguro estavam mais sintonizados com seus filhos durante alimentação, e aqueles com representações de apego inseguro exibiam comportamentos mais controladores. Dessa forma, comportamentos de alimentar o bebê realizados pelo pai podem ser influenciados por suas próprias representações de apego (Reisz et al., 2019).

O pai com apego seguro tende a sentir-se mais confiante para cuidar do seu filho, assim como para incentivá-lo a assumir riscos, fornecendo todo o suporte necessário. Outro ponto crucial é que, além das figuras parentais, contextos como a escola, o trabalho, a família estendida (Tudge, Mokrova, Hatfield, & Karnik, 2009) e contexto cultural (Becker et al., 2019), entre outros, exercem influência sobre o desenvolvimento infantil, assim como se alerta para a transmissão intergeracional de comportamentos e atitudes dos padrões de apego (Pontes et al., 2007).

Por outro lado, os pais com apego inseguro apresentaram média mais alta em punição e suporte emocional, indicando uma tendência de que pais com apego inseguro punam mais seus filhos do que pais com apego seguro. Para melhor compreender este dado, vale retomar algumas características das pessoas com os determinados tipos de apego. Assim, os padrões de apego estabelecidos na infância são vistos como duradouros e intermediados pelas diversas fases do ciclo vital, embora sejam menos evidentes em adolescentes e adultos (Bowlby, 1982).

Torna-se importante o estudo das relações iniciais na vida do sujeito, na perspectiva de intervenções adequadas, como socialização de informação, busca por terapia, participação em grupos e espaços em que se compartilhe o interesse

pela formação positiva dos vínculos para um bom desenvolvimento da família, contribuindo para relações mais equilibradas. Essas considerações são endossadas por estudo longitudinal realizado na Holanda, com 189 pais, em que se examinaram as representações iniciais de apego. Os resultados sublinharam a importância da identificação precoce dos pais com representações de apego inseguro, recomendando mais atenção a esse aspecto no atendimento à criança e sua família (Hall et al., 2014).

Considerações Finais

O presente estudo teve o objetivo de investigar as relações entre o apego do pai, o envolvimento paterno e a abertura ao mundo, na perspectiva do pai de crianças entre 4 e 6 anos, e comparar tais características entre pais com perfil de apego seguro e inseguro. Destaca-se que, de forma geral, os pais com apego seguro envolvem-se significativamente mais em atividades de estímulo ao risco e em cuidados básicos (dimensões avaliadas da abertura ao mundo e envolvimento paterno) com a criança do que os pais com apego inseguro. Pode-se pensar que os pais que desenvolveram um apego seguro sentem-se mais confiantes para incentivar seus filhos a explorarem o ambiente e desenvolverem atividades desafiadoras, lhes dando segurança e promovendo sua autonomia, além disso, também podem se considerar mais preparados para cuidar da criança, alimentando-a, dando banho, levando-a à escola, entre outras práticas.

Por outro lado, os pais com perfil de apego inseguro referem aplicar significativamente mais punição do que os pais do perfil de apego seguro. Este resultado chama a atenção e propõe que se repense a influência desses padrões de apego também nas práticas educativas parentais, ressaltando-se a importância de se considerarem as relações familiares e demais aspectos do contexto, como cultura, situação socioeconômica, moradia e trabalho.

Salienta-se a contribuição da Teoria do Apego, que traz uma alternativa de compreensão do desenvolvimento socioafetivo humano, a qual prioriza aspectos fundamentais das primeiras interações do ser humano com seus cuidadores e revela sua influência nas relações futuras, por meio da transmissão intergeracional de padrões de relacionamento. Sendo assim, este estudo possibilitou a investigação de aspectos ligados ao apego do pai e como isso interfere na relação com seu(sua) filho(a), levando em conta que ainda não existem na literatura nacional pesquisas que abordem o tipo de apego do pai e sua relação com o envolvimento paterno e a relação de ativação pai-filho(a).

Considerando as relações entre apego adulto e sua influência no envolvimento paterno e interação pai-filho(a), é imprescindível chamar a atenção para a importância e especificidades da relação pai-filho(a). Dessa forma, podem ser planejadas ações no âmbito dos setores da saúde, educação e assistência social, com vistas a desenvolver programas de intervenção que atentem para questões relacionadas à paternidade.

Como limitação desta pesquisa, destacam-se a seleção e acesso aos participantes, devido à amplitude da amostra, contando com 171 pais. Houve bastante investimento por parte dos pesquisadores, que incluiu esforços, organização e disponibilidade de tempo, para se adaptar aos horários em que os pais se colocavam à disposição. Cabe ressaltar que a coleta teve duração aproximada de um ano e meio, o que também comprova a importância e dimensão deste trabalho, levando em conta as condições e desafios, ao se realizar uma pesquisa deste porte no contexto científico brasileiro.

Com base nos resultados encontrados, sugerem-se alguns temas que ainda podem ser explorados acerca do apego, envolvimento paterno e abertura ao mundo. Nesse sentido, indicam-se estudos futuros sobre: acompanhamento longitudinal dos pais pesquisados: semelhanças e diferenças no envolvimento paterno e estrutura familiar, ao longo do tempo; produção de outros instrumentos (como entrevista, por exemplo) que avaliem de forma mais aprofundada e detalhada a abertura ao mundo e a dimensão da punição; método observacional, pesquisas longitudinais, com diferentes configurações familiares (famílias recasadas ou homoafetivas) e amostras de diferentes condições sociodemográficas e culturais.

Referências

- Backes, M. S. (2015). *A relação entre o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre quatro a seis anos*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil). Retrieved from <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/133087/333649.pdf?sequence=1>
- Backes, M. S., Becker, A. P. S., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (2018). A paternidade e fatores associados ao envolvimento paterno. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(61), 100-119. doi: <https://doi.org/10.21452/2594-43632018v27n61a04>
- Backes, M. S., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2020). Envolvimento paterno e desenvolvimento infantil. In: Brocchi, B. S., Stobäus, L. C. *Importância da parentalidade para o desenvolvimento infantil* (pp. 15-31). Curitiba, PR: CRV.
- Backes, M. S. (2018). *A relação entre o apego do pai, o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre 4 e 6 anos* (Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil). Retrieved from <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/205170/PPSI0823-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>
- Bossardi, C. N. (2015). *Envolvimento e interações paternas com filhos de 4 a 6 anos: Relações com os sistemas parental e conjugal* (Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil). Retrieved from <http://tede.ufsc.br/teses/PPSI0659-T.pdf>
- Bossardi, C. N., Souza, C. D., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Schmidt, B., Vieira, M. L., ... Aparecida Crepaldi, M. (2018). Cross-Cultural Adaptation and Evidence of Validity of the Questionnaire d'Engagement Paternel. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 34, 1-12. doi: <https://doi.org/10.1590/0102.3772E3439>
- Bossi, T. J., Brites, S. A. N. D., & Piccinini, C. A. (2017). Adjustment of babies to daycare: Aspects that facilitate adjustment or not. *Paidéia*, 27(Suppl. 1), 448-456. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-432727s1201710>
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: attachment* (2 ed. rev.). New York: Basic Books (Original work published, 1969).
- Bueno, R. K., Gomes, L. B., & Crepaldi, M. A. (2015). Desafios de ser pai em uma sociedade em transformação. In E. R. Goetz & M. L. Vieira (Eds.), *Novo pai: recursos, desafios e possibilidades* (pp. 95-107). Curitiba, PR: Juruá.
- Bueno, R. K., Vieira, M. L., Crepaldi, M. A., & Faraco, A. M. X. (2017). Father-child activation relationship in the Brazilian context. *Early Child Development and Care*, 187, 1-11. doi: <https://doi.org/10.1080/03004430.2017.1345894>
- Cassibba, R., Coppola, G., Sette, G., Curci, A., & Costantini, A. (2017). The transmission of attachment across three Generations: a Study in Adulthood. *Developmental Psychology*, 53(2), 396-405. doi: <https://doi.org/10.1037/dev0000242>
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment style, working models and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644-663. doi: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.58.4.644>

- Dumont, C., & Paquette, D. (2013). What about the child's tie to the father? A new insight into fathering, father-child attachment, children's socio-emotional development and the activation relationship theory. *Early Child Development and Care*, 183(3-4), 430-446. doi: <https://doi.org/10.1080/03004430.2012.711592>
- Fletcher, J. (2012). Positive parenting, not physical punishment. *CMAJ*, 184(12). doi: <https://doi.org/10.1503/cmaj.121070>
- Gomes, L. B. (2015). *Envolvimento parental, desenvolvimento social e temperamento de pré-escolares: um estudo comparativo com famílias residentes em Santa Catarina e em Montreal* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil). Retrieved from <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/169440/339001.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Grossmann, K., & Grossmann, K. E. (2009). O impacto do apego à mãe e ao pai e do apoio sensível à exploração nos primeiros anos de vida sobre o desenvolvimento psicossocial das crianças até o início da vida adulta. *Enciclopédia sobre o desenvolvimento na primeira infância* (pp. 1-7). Porto Alegre: UFRGS.
- Hall, R.A.S, Waard, I.E.M., Tooten, A., Hoffenkamp, H.N., Vingerhoets, A.J.J.M, & van Bakel, H.J.A. From the father's point of view: How father's representations of the infant impact on father-infant interaction and infant development. *Early Human Development*, 90(12), 877-883. doi: <https://doi.org/10.1016/j.earlhumdev.2014.09.010>
- Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia Ciência e Profissão*, 30(2), 262-275. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000200004
- Jeong, J., McCoy, D.C., Yousafzai, A.K., Salhi, C., & Fink, G. (2016). Paternal Stimulation and Early Child Development in Low- and Middle-Income Countries. *Pediatrics*, 138(4), e20161357. doi: <https://doi.org/10.1542/peds.2016-1357>
- Lieselotte, A., Teufl, L., Ruiz, N, Piskernik, B., Supper, B., Remiorz, S., ... Nowacki, K. (2017). Father-child play during the preschool years and child internalizing behaviors: between robustness and vulnerability. *Infant Mental Health Journal*, 38(6), 743-756. doi: <https://doi.org/10.1002/imhj.21679>
- Lopes, N. R. L., Górní, S. M., Mattar, V. O., & Williams, L. C. A. (2018). Assessment of a bef intervention with parents to prevent shaken baby syndrome. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 28, e2823, 1-9. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-4327e2823>
- Love, H. A., Nalbone, D. P., Hecker, L. L., Sweeney, K. A., & Dharnidharka, P. (2018). Suicidal risk following the termination of romantic relationships. *Crisis: The Journal of Crisis Intervention and Suicide Prevention*, 39(3), 166-174. doi: <https://doi.org/10.1027/0227-5910/a000484>
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Nancuante, C.I.G., Barea, L.A., Adonis, F.G., Bratz, J., & Ramírez, M.S. (2020). Paternidad activa y cuidado en la niñez: reflexiones desde las desigualdades de género y la masculinidad. *Enfermería Actual de Costa Rica*, (38), 282-291. doi: <https://doi.org/10.15517/revenf.v0i38.34163>

- Opondo, C., Redshaw, M., & Quigley, M. A. (2017). Association between father involvement and attitudes in early child-rearing and depressive symptoms in the pre-adolescent period in a UK birth cohort. *J Affect Disord*, 221, 115–122. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jad.2017.06.010>
- Paquette, D. (2012). The father-child activation relationship: a new theory to understand the development of infant mental health. *The Signal*, 20(1), 1-5. doi: <https://doi.org/10.1080/03004430.2012.711593>
- Paquette, D. (2014). *Ce que les chimpanzés m'ont appris [What the chimpanzees taught me]*. Montréal: Éditions MultiMondes.
- Paquette, D., & Dumont, C. (2013a). Is father-child rough-and-tumble play associated with attachment or activation relationships? *Early Child Development and Care*, 183(6), 760-773. doi: <https://doi.org/10.1080/03004430.2012.723440>
- Paquette, D., & Dumont, C. (2013b). The father-child activation relationship, sex differences, and attachment disorganization in toddlerhood. *Child Development Research*, 1-9. doi: <https://doi.org/10.1155/2013/102860>
- Paquette, D., Eugène, M. M., Dubeau, D., & Gagnon, M. N. (2009). Les pères ont-ils une influence spécifique sur le développement des enfants? [Do fathers have a specific influence on children's development?]. In D. Dubeau, A. Devault & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle [Fatherhood in the 21st century]* (pp. 99-122). Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.
- Perucchi, J., & Beirão, A. M. (2007). Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia clínica*, 19(2), 57-69. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652007000200005>
- Pontes, F. A. R., Silva, S. S. C., Garotti, M., & Magalhães, C. M. C. (2007). Teoria do apego: elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana. *Aletheia*, (26), 67-79. Retrieved from <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n26/n26a07.pdf>
- Prado, J. C., & Abrão, J. L. F. (2014). Paternidade: um estudo sobre pesquisas desenvolvidas no contexto brasileiro. *Colloquium Hulmanarum*, 11(1), 94-112. doi: <https://doi.org/10.5747/ch.2014.v11.n1.h152>
- Rebellon C. J., & Straus, M. (2017). Corporal punishment and adult antisocial behavior: A comparison of dyadic concordance types and an evaluation of mediating mechanisms in Asia, Europe, and North America. *International Journal of Behavioral Development*, 41(4), 503-513. doi: <https://doi.org/10.1177/0165025417708342>
- Reisz, S., Aviles, A.I., Messina, S., Duschinsky, R., Jacobvitz, D., & Hazen, N. (2019). Fathers' attachment representations and infant feeding practices. *Appetite*, 142, 104374. doi: <https://doi.org/10.1016/j.appet.2019.104374>
- Schmitz, M. E. S. (2018). *A relação entre envolvimento paterno e temperamento de crianças pré-escolares em famílias biparentais* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de

- Santa Catarina, Florianópolis, Brasil). Retrieved from <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/189919/PPSI0785-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>
- Sena, L. M., & Mortensen, A. C. K. (2014). *Educar sem violência: criando filhos sem palmadas*. São Paulo: Papirus.
- Sesti Becker, A. P., Vieira, M. L. & Aparecida Crepaldi, M. (2019). Apego e parentalidade sob o enfoque transcultural: uma revisão da literatura. *Psicogente*, 22(42), 1-25. doi: <https://doi.org/10.17081/psico.22.42.3507>
- Sethna, V., Perry, E., Domoney, J., Iles, J., Psychogiou, L., Rowbotham, N.E.L., ... Ramchandani, P.G.. (2017). Father-child interactions at 3 months and 24 months: contributions to children's cognitive development at 24 months. *Infant Ment Health J*, 38(3), 378-390. doi: <https://doi.org/10.1002/imhj.21642>
- Stanton, S. C. E., Campbell, L., & Pink, J. C. (2017). Benefits of Positive Relationship Experiences for Avoidantly Attached Individuals. *Journal of Personality and Social Psychology*, 113(4), 568-588. doi: <https://doi.org/10.1037/pspi0000098>
- StGeorge, J., & Freeman, E. (2017). Measurement of father-child rough-and-tumble play and its relations to child behavior. *Infant Mental Health Journal*, 38(6), 709-725. doi: <https://doi.org/10.1002/imhj.21676>
- Tarabulsy, G., Bernier, A., Provost, M., Maranda, J., Larose, S., Moss, E., Larose, M., & Tessier, R. (2005). Another look inside the gap: Ecological contributions to the transmission of attachment in a sample of adolescent mother: infant dyads. *Developmental Psychology*, 41(1), 212-224. doi: <https://doi.org/10.1037/0012-1649.41.1.212>
- Tudge, J. R. H., Mokrova, I., Hatfield, B. E., & Karnik, R. B. (2009). Uses and misuses of Bronfenbrenner's bioecological theory of human development. *Journal of Family Theory & Review*, 1(1), 198-210. Retrieved from <https://pdfs.semanticscholar.org/d71f/22dbc4c95a9b0cf3951b68b876369880d05e.pdf>
- Turcotte, G., & Gaudet, J. (2009). Conditions favorables et obstacles à l'engagement paternel: un bilan des connaissances [Favorable conditions and obstacles to paternal involvement: a review of knowledge]. In D. Dubeau, A. Devault & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle [Fatherhood in the 21st century]* (pp. 39-70). Québec, Canada: Les presses de l'Université Laval.
- Verhage, M. L., Schuengel, C., Madigan, S., Fearon, R. M. P., Oosterman, M., Cassibba, R., Bakermans-Kranenburg, M. J. & van IJzendoorn, M. H. (2016). Narrowing the transmission gap: A synthesis of three decades of research on intergenerational transmission of attachment. *Psychol Bull*, 142(4), 337-366. doi: <https://doi.org/10.1037/bul0000038>
- Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos Empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 36-52. Retrieved from <http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/854/859>

- Vieira, M. L., Crepaldi, M. A., Schmidt, B., Bossardi, C. N., Souza, C. D., Gomes, L. B., Backes, M. S., & Bueno, R. K. (2017). As bases das relações afetivas nos primeiros anos de vida: a relevância dos cuidados parentais. In M. A. Santos, D. Bartholomeu & J. M. Montiel (Eds.), *Relações interpessoais no ciclo vital: conceitos e contextos* (pp. 13-24). São Paulo: Vetor.
- Ward, M. J., & Carlson, E. A. (1995). Associations among adult attachment representations, maternal sensitivity, and infant: mother attachment in a sample of adolescent mothers. *Child Development*, 66(1), 69-79. doi: <https://doi.org/10.2307/1131191>